

HOUAISS, Antônio. Villar, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LANE, Sílvia. **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

PÁEZ, D. e ADRÍAN, A. **Arte, lenguaje y emoción**. Madrid: Fundamentos, 1993.

VYGOTSKY, L. **A psicologia da música**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ANÁLISE DE UMA HISTÓRIA POR MEIO DA AUTOBIOGRAFIA MUSICAL

Patrícia Wazlawick¹⁰

Denise de Camargo¹¹

Kátia Maheirie¹²

Resumo: Este trabalho faz uma interface entre Psicologia Histórico-Cultural e Musicoterapia, e objetiva estudar a constituição do sujeito musicoterapeuta. Trabalha-se com a Autobiografia Musical. Percebe-se que nas vivências em situações concretas, permeadas pela dimensão afetiva, dá-se a utilização viva da música e as possibilidades de construção dos sentidos da mesma, nesta trama. Sentidos construídos pelas emoções, sentimentos, desejos, vontades, interesses, motivações de sujeitos em constantes relações com o contexto sócio-cultural implicados com a atividade musical, que constituem esta atividade enquanto ela também é constituinte deles. Sob este olhar histórico e contextualizado se pretende discutir o processo de constituição do musicoterapeuta.

Palavras-chave: Constituição do sujeito. Musicoterapeuta. Autobiografia Musical.

Abstract: This work makes an interface between Cultural-Historical Psychology and Music Therapy, and aimed studying the constitution of the music therapist individual. The Musical

¹⁰ Musicoterapeuta clínica e da área educacional, Mestre em Psicologia (UFPR), Doutoranda em Psicologia (UFSC). Pesquisadora integrante do “Núcleo de Pesquisas em Constituição do Sujeito: Práticas Sociais, Relações Estéticas e Processos de Criação”. E-mail: patricia.wazla@terra.com.br

¹¹ Psicóloga, Doutora em Psicologia Social (PUC-SP), Mestre em Psicologia (PUC-SP), professora aposentada da UFPR.

¹² Psicóloga, Doutora em Psicologia Social (PUC-SP), Mestre em Psicologia (PUC-SP), professora do curso de graduação em Psicologia (UFSC), e dos cursos de pós-graduação em Psicologia – Mestrado e Doutorado (UFSC), pesquisadora integrante do “Núcleo de Pesquisas em Constituição do Sujeito: Práticas Sociais, Relações Estéticas e Processos de Criação”.

Autobiography is used. It is perceived that living the concrete situations, through the affective dimension, a live usage of the music and the possibilities of constructing its senses, in this entire plot, happens. Senses built by emotions, feelings, desires, wills, interests, motivations of the individuals in constant relationships with the social-cultural context connected with the musical activity, make up this activity while it is also their constituent. It is under historical and contextualized look that the discussion of the constitution process of Musictherapist is intended.

Key-words: Constitution of the Individual. Music Therapist. Musical Autobiography.

À guisa de introdução

A Musicoterapia é um campo de conhecimento bem como um campo de prática, ainda recente no meio científico¹³. De modo geral, muitos aspectos epistemológicos, ontológicos, teóricos e metodológicos ainda devem ser pensados, discutidos, enfim construídos nesta ciência.

No que concerne a uma visão ontológica¹⁴, ou seja, para discutir o ser ou para discutir o “sujeito”, a Musicoterapia, historicamente lançou (e lança) mão de várias correntes, abordagens e perspectivas filosóficas e psicológicas, nas quais buscou (e busca) fundamentação científica. O que em parte não configura um problema, pois este movimento enriquece e ajuda a construir as próprias compreensões

¹³ O primeiro curso de graduação em Musicoterapia foi criado na Universidade de Kansas, E.U.A, em 1946 (GASTON, 1982). No Brasil o primeiro curso de especialização em Musicoterapia iniciou suas atividades em 1971 na Faculdade de Artes do Paraná (FAP), quando era uma especialização da licenciatura em Música. Em 1983 este curso passou ao nível de graduação, com duração de quatro anos.

¹⁴ Ontologia: “(Filosofia) Parte da filosofia que trata do ser enquanto ser, do ser concebido como tendo uma natureza comum que é inerente a todos e a cada um dos seres” (Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, versão eletrônica).

musicoterápicas, tendo em vista ser a Musicoterapia uma ciência híbrida, ou seja, transdisciplinar por natureza, conforme as palavras do musicoterapeuta norte-americano Ph.D. Kenneth Bruscia. Segundo o autor, “a musicoterapia não é uma disciplina isolada e singular claramente definida e com fronteiras imutáveis. Ao contrário, ela é uma combinação dinâmica de muitas disciplinas em torno de duas áreas: música e terapia” (2000, p. 8).

Não obstante, ao buscar, historicamente, possibilidades de fundamentação partindo do modelo Médico-Biologicista, e nas linhas da Psicologia - Psicanálise, Psicologia Comportamental e Psicologia Humanista -, encontramos muitas vezes a presença de confusões teóricas e um certo “ecletismo”, que até vieram a se refletir em alguns modos de atuação da prática musicoterápica. Pensando dialeticamente, o que deve ficar claro é que estas buscas foram importantes, pois orientam o modo de ver e conceber o sujeito, a música e a saúde, na prática da Musicoterapia. No entanto, percebe-se que este caminho de fundamentação e esclarecimento teórico deve ser coerente para uma melhor definição e estruturação dos conhecimentos musicoterápicos.

Iniciamos o tema deste artigo perfazendo este recorte teórico-metodológico da Musicoterapia contemporânea, pois gostaríamos de, neste momento, começar a pensar o sujeito na Musicoterapia, ou seja, o homem que faz música, um “sujeito musical”, convidando a estar presente nesta discussão interdisciplinar – entre Musicoterapia, Psicologia e Música -, alguns “compassos” de um outro “leitmotiv”, o *leitmotiv* da “constituição do sujeito”, a partir da perspectiva Sócio-Histórica, mais especificamente da perspectiva Histórico-Cultural da Psicologia, a partir do arcabouço teórico de Lev Semenovich Vygotski.

A aproximação da perspectiva Sócio-Histórica e Histórico-Cultural da Psicologia tem em vista contribuir para a discussão de um “referencial teórico” outro para a Musicoterapia, diferente das abordagens tradicionais da Psicologia com as quais tem buscado fundamentação. A

discussão da constituição do sujeito em meio a suas relações no contexto social e os movimentos daí decorrentes pouco se faz presente na Musicoterapia. Santos (2002) relembra que são poucas as abordagens nesta área que tecem este tipo de olhar, e questiona se esta falta de perspectiva social não estaria prejudicando a análise e compreensão do fenômeno musical na práxis da Musicoterapia.

Passamos então, a “ouvir” alguns “compassos” sobre o processo de constituição do sujeito, o que nos levará a pensar a construção ou constituição do sujeito musicoterapeuta a partir de uma análise que tem por base o método da “Autobiografia Musical”, desenvolvido pelo musicoterapeuta norueguês Dr. Even Ruud (1997, 1998).

Apontamentos teóricos: constituição do sujeito

Considerando a Psicologia Histórico-Cultural para pensarmos a questão da constituição do sujeito, encontramos as contribuições teóricas do psicólogo russo Lev S. Vygotski, que, a partir do Materialismo Histórico e Dialético, entende que o sujeito é produto e produtor de relações materiais, inseridos na história e num processo dialético. Nesta perspectiva o ser humano é sujeito e objeto das relações sociais. De acordo com Lane (1988), o sujeito é um ser concreto, manifestação de uma totalidade histórico-social, é um homem criativo e transformador, mesmo sendo determinado pelas imposições econômico, político e sociais de seu tempo, que são as condições materiais da existência. É um sujeito agente da história social, um membro indissociável da totalidade histórica que o produziu e a qual ele transforma por meio de sua atividade, pois está sempre em relação. Assim, as características macro-estruturais – de toda a sociedade, estão refletidas e reproduzidas em suas micro-unidades – os sujeitos (CARONE, 1988).

Neste sentido, Vygotski tece uma paráfrase de Marx, ao afirmar que “a natureza *psicológica* da pessoa é o

conjunto das relações sociais, *transferidas para dentro e que se tornaram funções da personalidade e formas da sua estrutura*” (VYGOTSKI, 1929/2000, p. 27). O autor sinaliza, então, que as intrincadas relações entre as pessoas contribuem para constituir a existência de processos psicológicos (atenção, percepção, memória, linguagem, imaginação e emoção), e estas, por sua vez, não são estruturas naturais, mas são construções possíveis graças à articulação de uma “mediação semiótica”. Esta ocorre “como dupla mediação: a dos signos e a do Outro, detentor da significação” (PINO, 2005, p. 59), também construídos e compartilhados por uma coletividade, historicamente. Desta forma, a pessoa não somente se desenvolve, seguindo leis genéticas, naturais, determinadas no biológico, mas tem a possibilidade de construir a si mesma, e, por meio das relações com os outros, constituir-se sujeito.

Falar da constituição do sujeito na perspectiva Histórico-Cultural da Psicologia é falar do movimento dialético que existe entre objetividade e subjetividade. Essas duas dimensões ao se relacionarem dialeticamente no contexto social se fazem constituintes do sujeito (WAZLAWICK *et al*, 2006). “Constituir-se como sujeito é, nesta perspectiva, realizar a dialética do objetivo e do subjetivo, já que o sujeito existe como subjetividade objetivada, que pela subjetividade (negação), se objetiva novamente, encontrando, por meio da subjetividade (negação), uma nova objetivação e assim infinitamente...” (MAHEIRIE, 2002, p. 37), num processo constante de construir-se, de (re)inventar-se.

Momentos do processo de construção/constituição de um musicoterapeuta

Existe uma intrincada relação entre músicas, canções e histórias de pessoas. Neste entrecruzamento se faz presente a possibilidade das pessoas contarem suas histórias, tecerem suas narrativas, e também cantarem essas histórias, uma vez que podem usar músicas e canções para significarem e

compreenderem momentos vividos. É desta intrincada e “implicada” (HELLER, 1980) relação que emergem os sentidos nas histórias de relação com a música, onde o sujeito pode se apropriar de músicas que se tornam significativas porque retratam momentos e sentidos singulares.

Assim, o método intitulado “Autobiografia Musical”, desenvolvido pelo Dr. Even Ruud (1997, 1998), é um caminho que permite a compreensão de narrativas de histórias de vida vinculadas a narrativas musicais. Ou seja, as narrativas de vida mediadas pelas canções e músicas que os sujeitos trazem tornam visíveis histórias de relação com a música, e os movimentos que constituem sujeitos implicados com a atividade musical. Os significados e sentidos (VYGOTSKI, 1992) construídos nas histórias de relação com a música apontam para histórias de vida de sujeitos, pois só ali podem acontecer e dali podem emergir.

A Autobiografia Musical trabalha com a linguagem musical ao mobilizar a percepção, a imaginação, a reflexão e a dimensão afetiva, para comunicar e expressar significados e sentidos que integram as vivências e as inter-relações do percurso de vida. Aqui a linguagem musical é entendida tal como definida em Cunha *et al* (2006, p. 89), “a linguagem musical corresponde (...) aos elementos que a pessoa utiliza para expressar sua musicalidade: canções e seus textos, melodias, ritmos, timbres, intensidades, alturas, ruídos, poesias e outras expressões sonoras que possibilitam a comunicação de estados intencionais”. Ao entrelaçar narrativas musicais e narrativas verbais, a Autobiografia Musical contempla a construção de um repertório sonoro-musical que se torna revelador dos sentidos e da trama afetivo-volitiva vivenciada por um sujeito. Desta forma, passaremos a contar agora partes da Autobiografia Musical de Jaque, aluna da 1ª série da graduação em Musicoterapia (FAP, 2004) – salientamos que na íntegra sua Autobiografia Musical consta de 21 páginas (WAZLAWICK, 2004).

Jaque tem 22 anos, nasceu em uma cidade do norte do Paraná, tem duas irmãs. Seu pai toca violão, tocava em

banda, na igreja, em carnavais, nas reuniões da família. Com o violão e a voz dele, Jaque conheceu a música, a beleza do mundo sonoro, e se encantou por este universo. Lembra da canção: *“Tomo um banho de lua”(...)* *isso ficou bem marcado pra mim, tinha qualquer apresentação, alguma coisa reunindo a família, ele pegava o violão [pai] e nós apresentávamos, eu e minhas irmãs”*¹⁵.

“Banho de lua foi uma das principais (...) Na hora do tim-tim-tim, nós fazíamos [mostra a dança], eu que comandava porque era a mais velha, então todo mundo ia atrás de mim”. Era a brincadeira e o divertimento junto da beleza da música. Jaque lembra que em todas as suas brincadeiras “algo de música” estava sempre presente. *“Coisas que a gente fazia, era tudo mais ou menos relacionado com a música”*. E as brincadeiras seguiam com *“Era um biquíni de bolinha amarelinha tão pequenininho...”* e *“Ei Al Capone...”* de Raul Seixas, todas mediadas pela relação que o pai também tinha com a música. Jaque diz que seu pai *“foi quem me puxou mais para a música”*.

Com sete anos Jaque começou aprender a tocar piano, algo que queria muito. *“A minha primeira música, da audição, eu lembro até hoje, da ‘Boneca sem corda’ (...) minha avó mandou fazer um vestido todo rodado, minha família inteira foi assistir, foi bem legal, lembro até hoje eu subindo no palco e tocando, foi bem gostoso... todo mundo ficou admirado”*. Nos estudos musicais a motivação continuava cada vez mais: *“Eu era muito curiosa, ouvia músicas e tentava tirar de ouvido, a primeira música que eu tirei de ouvido, acho que tinha uns nove anos, foi ‘Amigos para sempre’(...) E depois, a segunda que eu tirei foi ‘Essa tal liberdade’, do SPC, e toquei na audição”*. A partir daí ela decide que quer aprender a tocar violão também. *“Eu tinha uns doze anos, eu pedi pro meu pai me ensinar violão, a primeira música que ele me ensinou foi uma que passava numa propaganda: ‘A vida passa, telefone e*

¹⁵ Daqui para adiante, no texto, estarão escritos com uso do recurso “itálico”, as falas de Jaque e trechos das letras das canções.

você já não me atende mais...’ Essa música ficou bem marcada...”[“Pingos de Amor”, Kid Abelha].

E com quatorze anos, enquanto seguia os estudos na escola e seguia os estudos de piano no conservatório, destacando-se, Jaque foi convidada pela professora de piano para lhe ajudar com os alunos menores, e eventualmente com alunos de violão, iniciando, então, a atividade de professora de música, conquistando gradualmente seu espaço. Uma atividade onde ela se realizava, constituindo esta atividade e se constituía por meio dela.

Dava aulas, principalmente de violão, em dois conservatórios da cidade e tornava histórica a sua atividade musical. Ela nos conta: *“Lembro muito dos meus alunos... dá saudade... eu lembro muito da força de vontade deles (...), lembro dos ensaios, traz uma coisa muito boa... e depois da apresentação todo mundo elogiando o meu trabalho...”*. A lembrança traz de volta seus alunos, a relação com eles, a força de vontade e a expectativa que não era apenas deles no que estavam aprendendo, mas dela também nesta que era a sua atividade. A música a construía enquanto pessoa criadora, profissional, e permitia expandir isto a outras pessoas. A música estava se tornando e era o seu trabalho. *“É o meu trabalho, é agora que eu tô expandindo... as pessoas estão me reconhecendo”*.

Sentidos pessoais que também correspondem à música “Lugar ao Sol” (Charlie Brown Jr.), que Jaque canta na seqüência:

*Mas livre pra poder sorrir, sim
Livre pra poder buscar o meu lugar ao Sol*

Um lugar que se ampliava cada vez mais, pois: *“Os meus alunos começaram a gostar também de guitarra, e aí o que aconteceu? Eu fui pra Maringá fazer um curso de guitarra (...). Outro aluno que fazia violão, queria estudar cavaquinho, daí eu resolvi fazer aula de cavaquinho (...). Comecei a dar aula de cavaquinho, guitarra, piano, teclado,*

violão, bateria... eu era mais ou menos uma multi-uso”. Fala isso com orgulho, até acha divertido.

Relembra de uma canção de Jorge Aragão: *“Eu e você sempre”*. Foi uma música que tocou junto do primeiro aluno que quis aprender cavaquinho, contando que *“essa música marcou bastante porque eu toquei junto com o meu aluno, em banda, bateria, é legal porque ele me incentivou em outro instrumento, é uma coisa que marcou”*. Eram relações de mão dupla na música, ela incentivava seus alunos e eles também a incentivavam a buscar mais.

“Daí a minha adolescência... Bon Jovi nas festinhas, dançando junto... Escutava muito Legião [canta ‘Pai e Filhos’] – acho que outra [canta ‘Eu sei’] Legião tem muitas, mas que mais marcava era Pais e Filhos (...) Eu já tocava violão, tentava tirar de ouvido, no piano, e a gente reunia muito pra cantar na casa de minha amiga (...), outra também que lembro foi uma música que minha amiga me ensinou: ‘Lanterna dos Afogados’”, compondo parte da trilha sonora de sua adolescência.

Do ano de 2003 Jaque traz uma das canções feitas pelo trio formado por Marisa Monte, Arnaldo Antunes e Carlinhos Brown, Tribalistas, “Velha Infância”. *“Esta música marcou tanto, acho que pelo meu namoro, pelo meu trabalho, era uma música que tocava muito, muito aluno pedia, e eu gosto também (...). Lembra a minha família, acho que fala muito de infância, é uma música que eu amo...”*.

Jaque conta que relaciona a letra da canção com o que vive. Tanto que a letra é a primeira coisa que ela escuta com atenção. *“Eu olho muito a letra, eu tento sempre olhar e vou encaixando alguma coisa, pra eu gostar eu tenho que relacionar comigo, ao momento que eu estou passando...”*. Canções que se tornam parte da trilha sonora de uma vida.

Jaque passa no vestibular que presta para o curso de Musicoterapia, no final de 2003. Fica muito feliz, porém, ao mesmo tempo, começa a sentir um certo sofrimento, uma vez que indo para Curitiba, teria que abandonar o que já havia construído em sua cidade, deixando seus alunos e os empregos

nos dois conservatórios: “*Então quando eu saí de lá daí eu deixei, a parte mais difícil... em um conservatório trinta e cinco alunos, no outro vinte e dois (...) Sofri muito...*”. Sofre pela separação, por ter de deixar muito do que construiu. Aquilo tudo tinha se tornado a sua vida, o seu fazer. Mas agora ia em busca de seu outro sonho. “*Estou começando de novo, tem que seguir*” – e canta a música “Na Estrada”, de Marisa Monte.

Encerra então, sua autobiografia musical neste momento, contando a respeito do sentido da música em sua trajetória de vida: “*Pra mim foi uma coisa muito boa quando eu comecei a dar aulas (...) eu fui entrando em passos, acho que a música me ajudou em tudo (...) ajudou totalmente na carreira profissional, pessoal, está presente em tudo. Não conseguiria, de forma alguma estar fora disso*”.

Considerações finais

A história de Jaque é tecida, construída, composta, assim como a música, inserida em um movimento relacional nos diversos contextos pessoais e coletivos, ao mesmo tempo em que configura um enredo que co-existe em um contexto mais amplo, como os enquadres da cultura e do sistema macrossocial, onde tanto a história, quanto sua produção se situam.

Jaque vivenciou uma história de relação com a música, onde passo a passo esta foi se construindo como sua atividade principal. Apropriou-se do fazer musical transformando-o em algo onde pode objetivar e historicizar suas implicações com a música, um fazer técnico, afetivo e criador pleno de seus sentidos. Assim começou a historicizar-se também para ela o projeto de ser musicoterapeuta - trabalhar em prol do crescimento do ser humano tendo a música como mediação de um processo terapêutico. A motivação que a direciona a cursar Musicoterapia é fruto de toda a história de relação com a música – como podemos “ver” e “ouvir” contadas e cantadas em sua “Autobiografia Musical”. Esta vontade existe porque antes dela inúmeras

situações e experiências foram vivenciadas com a música, que hoje a indicam a Musicoterapia, e ela escolheu orientada por seus sentidos. Sentidos que estão atrás, acompanhando toda a história de relação com a música, atrás do pensamento, junto dos sentimentos, sentidos que são as origens de suas ações nesta história onde conferem à música a qualidade de subjetividade objetivada.

De qualquer forma, a história de Jaque não termina aqui. Não demos conta da totalidade, pois estes são momentos, são sínteses tecidas e presentes no movimento maior de sua totalização. No ano de 2004 esta foi a narrativa engendrada por Jaque, certamente capítulos de uma história que se encontra em constituição, e que fazem parte do processo de constituir-se pessoa, o sujeito Jaque, e também da musicoterapeuta que ela deseja ser. Mas a esta história de relação com a música muitos capítulos outros já estão sendo (e ainda serão) acrescentados.

Percebemos, então, que estamos num processo infinito de recontar e re-escrever nossa história, que pode ser feita por meio de “Autobiografias Musicais”. Construimos e reconstruímos os sentidos de nossas experiências. Refazemos a nós mesmos, somos os autores, intérpretes, protagonistas e compositores de nossas histórias, que se fazem em solos, em duetos, quartetos... Compomos as músicas, as traduzimos em narrativas, compomos as narrativas e as fazemos acompanhar as músicas que compõem nossas histórias de vida.

Referências

- BRUSCIA, Kenneth E. **Definindo Musicoterapia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.
- CARONE, Iray. “**A dialética marxista: uma leitura epistemológica**”. Em: LANE, Sílvia T. M.; CODO, Wanderley (Orgs.). *Psicologia social. O homem em movimento*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 20-30, 1988.
- CUNHA, Rosemyrian; CAMARGO, Denise; BULGACOV, Yara. **Interjogo de imaginação e emoção**. Em: *Identidade e emoção*. Curitiba: Travessa dos Editores, 89-105, 2006.

GASTON, Thayer. **Tratado de Musicoterapia**. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1982.

HELLER, Agnes. **Teoria de los sentimientos**. México: Fontanamara, 1980.

LANE, Silvia T. M. “**A psicologia social e uma nova concepção do homem para a Psicologia**”. Em: LANE, Silvia T. M.; CODO, Wanderley (Orgs.). *Psicologia social. O homem em movimento*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 10-19, 1988.

MAHEIRIE, Kátia. “**Constituição do sujeito, subjetividade e identidade**”. *Revista Interações*. 8/13: 31-44, 2002.

PINO, Angel. **As marcas do humano. Às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski**. São Paulo: Cortez, 2005.

RUUD, Even. **Musikk og identitet**. Oslo: Universitetsforlaget, 1997.

RUUD, Even. **Music Therapy: improvisation, communication, and culture**. Gilsum: Barcelona Publishers, 1998.

SANTOS, Marco Antonio de Carvalho. **Sobre sentidos e significados da música e a Musicoterapia**. Em: *Revista Brasileira de Musicoterapia*. Ano V, nº. 6, p. 52-60, 2002.

VIGOTSKI, Lev S. “**Manuscrito de 1929**”. *Revista Educação & Sociedade*. Trad. brasileira do russo. Campinas: Cedes, 71: 21-45. (Originalmente publicado em 1929), 2000.

VYGOTSKI, Lev S. “**Pensamiento y palabra**”. In: **Obras escogidas II**. Madrid: Visor Distribuciones, 1992.

WAZLAWICK, Patrícia. **Quando a música entra em ressonância com as emoções: significados e sentidos na narrativa de jovens estudantes de Musicoterapia**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2004.

WAZLAWICK, Patrícia; MAHEIRIE, Kátia; CARVALHO, Glauber B. **Construção inacabada, aberta e em constante movimento: sobre a constituição do sujeito - analogia com a obra musical “Canon em Ré” de Pachelbel**. In: *Anais do*

I Encontro Nacional de Cognição e Artes Musicais. Curitiba: DeArtes-UFPR, 2006.